

PERFIL DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM*

Djair Daniel Nakamae**

NAKAMAЕ, D. D. Perfil do estudante de enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, 11 (2): 142-181, 1977.

Com o intuito de manter atualizadas informações quanto a dados demográficos, origem sócio-econômica, vida escolar, situação econômica atual, requisitos para o aproveitamento escolar, aspiração e informação sobre a carreira que caracterizam o estudante de enfermagem, e que no campo prático podem oferecer elementos para adequar programas e métodos de ensino, fez-se a pesquisa em 1976 confrontando-se estes dados com os já levantados em 1973 com o objetivo de detectar tendências.

Estudo de tipo descrito, realizou-se o levantamento de dados, através de aplicação de questionário com 39 itens em 150 alunos na primeira amostra (1973) e 300 alunos na segunda amostra (1976), matriculados nas terceiras séries das escolas de enfermagem existentes no Estado de São Paulo.

O perfil do estudante traçado pela pesquisa, evidenciou a emergência de problemas correlacionados, interferindo diretamente em seu rendimento escolar. Procurar resolvê-los dentro do âmbito próprio do ensino de enfermagem, a figura-se como a mais realista nas condições atuais. O caminho parece ser o da realização de esforços por parte do corpo docente no sentido de pesquisar e determinar métodos e técnicas mais adequados à presente realidade. Esta tarefa se impõe com toda a urgência se se tem em conta a necessidade de se promoverem esforços para aumentar o aproveitamento escolar dos estudantes e, como resultado, a eficiência dos futuros profissionais.

* Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Enfermagem da USP, 1976

** Professor Assistente da Disciplina Enfermagem Médica da EEUSP. Mestre em Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Parece ser possível afirmar que já se obteve unanimidade quanto à aplicabilidade do **PROCESSO DE ENFERMAGEM** como método científico de trabalhar com o paciente ou cliente. Nesse processo toma-se como ponto de partida uma caracterização objetiva do indivíduo para adequar a ele um plano assistencial cientificamente determinado, garantindo assim um resultado terapêutico eficiente. Em outras palavras, a totalidade das ações que constituem o processo de enfermagem está centrada no indivíduo (paciente ou cliente), alvo dessas ações.

Ora, questiona-se aqui se um **PROCESSO DE EDUCAÇÃO** na enfermagem não deveria atender a idênticas exigências. Isto é, pergunta-se por que não fundar esse processo primeiramente na identificação das características do estudante de enfermagem, a fim de que tais dados integrem essencialmente a soma de informações capazes de proporcionar a elaboração de métodos mais adequados de ensino. A inclusão de dados dessa ordem, relativos ao aluno, na formulação do processo de ensino de enfermagem parece ser uma necessidade evidente e incontestável. Contudo, o exame mais detido indica que rarissimamente tais dados foram levados na devida conta. Na maioria das vezes, ao que parece, todo um processo de ensino tem sido idealizado e concretizado em função de determinantes de outra ordem (principalmente materiais), considerando em plano secundário as condições concretas do elemento humano, objeto desse processo.

Vale assinalar que os cursos de enfermagem no Brasil, por força das motivações que determinaram sua criação, têm sido quase sempre concebidos como de tempo integral, entendendo-se como tal a ocupação do aluno durante a quase totalidade do período diurno e a disponibilidade no horário noturno para a complementação do curso. Durante muito tempo, as escolas de enfermagem instituíram um regime de internato obrigatório para os alunos, mantendo o serviço de enfermaria das instituições hospitalares coberto com o seu trabalho. Em troca, os estabelecimentos ofereciam alojamento gratuito obrigatório aos estudantes. Quando a enfermagem passou a nível universitário, os alunos não podiam mais ser mão-de-obra nas enfermarias. Começaram a declinar os favores e tais condições foram progressivamente eliminadas. Hoje, as escolas não mais se distinguem pelo oferecimento de condições "extras" ao corpo discente.

Num momento em que transformações dessa natureza estavam em curso, isto é, em que os favores estavam acabando, realizou-se a pesquisa da autora*, com o intuito de definir as características sócio-econômicas e culturais específicas dos estudantes comprometidos nessa área do ensino. É preciso observar que os aspectos abordados pela pesquisa poderiam aplicar-se a toda a população universitária, nos diversos ramos do ensino, como fizeram PASTORE & PEROSA, em 1969. As respostas, porém, não seriam as mesmas, pois cada grupo tem características próprias que o distinguem dos demais, e os estudantes de enfermagem estavam saindo de condições privilegiadas para tomar um lugar comum. Essas características específicas — a par das gerais —, segundo pensamento da autora, não podem ser desprezadas. O estudo evidenciou a emergência de problemas sócio-econômicos e culturais correlacionados, interferindo diretamente no rendimento escolar. Algumas das informações levantadas são dignas de menção. A mobilidade geográfica dos estudantes de outros Estados para o de São Paulo e dentro do próprio Estado para a Capital sofreu diminuição de 50% em relação aos achados de 1969 (PASTORE), quando a enfermagem ocupava os primeiros lugares nesse deslocamento. Isso foi certamente motivado, em parte, pela supressão do alojamento escolar. Quando este já estava quase extinto, em 1973, o número de estudantes que trabalhavam durante o curso se elevou para 57,9% em relação a 1969, ocasião em que esse número era de 9%. Muitos deles apresentavam carga horária de trabalho elevadas. E a grande maioria que trabalhava o fazia para poder se manter no curso e não porque o mercado do trabalho lhe oferecesse oportunidades especiais. Outro aspecto que estaria interagindo é o nível de renda familiar inferior a dois mil cruzeiros mensais. Apenas 6,7% recebiam auxílio financeiro na forma de bolsa de estudos. Outro aspecto importante mostrado é o fato de 49,4% procederem dos cursos normal, industrial, comercial, clássico e madureza, supondo-se assim que não tiveram algumas matérias básicas consideradas necessárias nas disciplinas de enfermagem. Neste ponto residem, provavelmente, os problemas de assimilação do ensino das disciplinas de enfermagem associados à jornada de trabalho e ao período escolar integral, com obrigatoriedade de complementar com estudo em casa ou na biblioteca. É preciso ainda considerar que se trata de indivíduos jovens, registrando-se apreciável concentração (68%) na faixa etária de 20 a 25 anos.

As escolas de enfermagem terem deixado de oferecer alojamento e outras regalias é um fato e, a rigor, não há mais razão para que fosse mantida tal situação. A permanência do regime de curso em horário integral, de outra parte, parece ser válida. O que se põe em questão aqui refere-se à necessidade de técnicas e procedimentos docentes sofrerem revisão, a fim de se adequarem a uma nova situação.

* Nakamae, 1975

Foi nesta perspectiva e dentro deste contexto que se encontrou motivação para a escolha do assunto da presente pesquisa que, precisamente tem como objetivo fornecer dados concretos e atualizados das características do universitário de enfermagem confrontando com os já levantados em 1973, para detectar tendências com a necessária objetividade. Assim, as características dos estudantes obtidas e atualizadas pela pesquisa permitem manter bem presente e com clareza a quem o processo de ensino deve ser dirigido. Estes são subsídios que possibilitarão tentar averiguar, em estudos posteriores, as condições reais de aplicabilidade das práticas didáticas tradicionais, bem como as novas propostas na área da metodologia do ensino de enfermagem.

A pesquisa atual tenta, portanto, mostrar que diferença qualitativa tem ocorrido no material humano que adentra as escolas de enfermagem. Há indicações de que esteja havendo uma progressiva qualificação do aluno e cabe questionar, diante dos resultados obtidos, se os próprios cursos de enfermagem vêm atendendo às eventuais modificações. Em outros termos, pergunta-se aqui se a metodologia de ensino que vem sendo usada ao longo dos anos mostra-se adequada, tendo em conta as características dos estudantes em processo de transformação. Dentro dos limites propostos, o presente estudo procura, com base nas peculiaridades exibidas pelos estudantes desse ramo, servir de ponto de partida ou estímulo ao trabalho de outros colegas que se lancem a novas propostas na metodologia do ensino de enfermagem. Sendo a educação um processo dinâmico não se pretende chegar a respostas definitivas a todas as questões suscitadas. Mas, iniciando os trabalhos em bases mais sistematizadas e uniformes, a tarefa dos educadores nas gerações ou etapas posteriores será mais fácil em termos de atualização, em face das modificações que forem ocorrendo nas características do estudante, que se transformam em função de mudanças sociais mais amplas.

É ponto de vista da autora que estudos como este e outros que lhe dêem continuidade, e que se fazem necessários, estão perfeitamente dentro do âmbito da profissão, uma vez que a formação de novos enfermeiros está afeta, senão exclusivamente, pelo menos em maior parte, aos próprios profissionais da enfermagem.

OBJETIVO

Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo verificar algumas características atuais do universitário de enfermagem, confrontando-as com as características já identificadas, em grupo semelhante no ano de 1973, e desse modo fornecer novos subsídios para a formulação do processo de educação em enfermagem.

I — METODOLOGIA

1 — AMOSTRA ESTUDADA

O presente estudo baseou-se em dados de uma amostra de estudantes proveniente de sete escolas de enfermagem do Estado de São Paulo, questionados no mês de maio de 1976, confrontada com amostra semelhante proveniente de seis escolas e estudada em novembro de 1973 pela mesma autora*. As amostras, embora coletadas em períodos distintos, obedeceram aos mesmos critérios básicos. O primeiro critério consistiu em selecionar alunos que estavam cursando, em 1973 e 1976, o terceiro ano de todas as Faculdades de Enfermagem paulistas. Escolheu-se o terceiro ano pelo fato de ser uma série quase terminal, constituída de estudantes com maior vivência universitária e, portanto, mais categorizados a opinar sobre suas perspectivas profissionais e a transmitir o seu ponto de vista acerca do mercado de trabalho que os aguarda.

O segundo critério adotado para a seleção das amostras foi a do aluno presente, ou seja, o universo dos terceiranistas presentes por ocasião da visita da pesquisadora às escolas de enfermagem do Estado de São Paulo, e não o universo dos estudantes matriculados.

Levando-se em conta os critérios referidos, realizou-se o estudo com uma amostra de trezentos estudantes (19% da população total), que representam 73,7% da população matriculada no terceiro ano de graduação nas faculdades paulistas no ano de 1976. Estes dados foram confrontados com amostra semelhante pesquisada em 1973, que se compunha de cento e cinquenta estudantes (17% da população total), representando 77,3% do universo de estudantes matriculados no terceiro ano nesse período (Tabela 1).

* Nakamae, 1975

2 — INSTRUMENTO

Os dados de ambas as amostras foram coletados por meio de um questionário contendo 39 perguntas (Anexo 1), no qual se tomara por base alguns quesitos aplicados na pesquisa de PASTORE & PEROSA (1971), que sistematizaram rigorosamente os itens necessários ao tipo de levantamento. Esses autores, por sua vez, salientam que essa tarefa foi em grande parte facilitada pela adaptação de um instrumento de coleta elaborado em junho de 1969 pelos professores Oracy Nogueira e Aparecida Joly Gouveia. Foi tomado por base também o questionário aplicado em 1965 na pesquisa de CASTRO (1968).

Pré-testou-se o questionário em dez alunos de uma das Faculdades da Capital em fins de outubro de 1973, tendo ele sofrido algumas correções (houve exclusões e adaptações de perguntas). Esses dez alunos foram escolhidos ao acaso, em uma classe que cursava o final do segundo ano de graduação, grupo semelhante ao da amostra.

Os itens pesquisados podem ser agrupados nas seguintes categorias:

- 1) Dados demográficos — idade cronológica; sexo; estado civil.
- 2) Situação sócio-econômica — mobilidade geográfica; nível de instrução dos pais; situação ocupacional dos pais.
- 3) Vida escolar — intervalo entre os cursos médio e superior; curso de segundo ciclo concluído; freqüência a “cursinhos” preparatórios para o vestibular à Faculdade de Enfermagem; vestibulares para outros cursos; número de vezes que prestou vestibular para enfermagem; freqüência a outro curso superior.
- 4) Situação econômica atual do estudante — ocupação remunerada; motivos que o levaram a exercer atividade remunerada; tipo de auxílio financeiro que recebe; contribuição financeira para o orçamento familiar; posse de carro pelo estudante; renda mensal oriunda de mesada e de salário; despesas anuais com o curso.
- 5) Requisitos para aproveitamento escolar — adequação do trabalho ao tipo de curso que faz; número de horas semanais de trabalho; tempo médio mensal de aulas expositivas, seminários, aulas práticas e estágios; tempo médio semanal de estudo em casa e na biblioteca; tempo gasto, em média, no percurso de sua residência à Faculdade.

TABELA 1

DADOS PARA CONTROLE DA AMOSTRA

ESCOLAS	Total de alunos		Matriculados no 3.º ano		Desistentes do 3.º ano		Cursando o 3.º ano		Amostra	
	1973	1976	1973	1976	1973	1976	1973	1976	1973	1976
I - Universidade de São Paulo										
1. Escola A	304	332	57	82	2	—	55	82	47	69
2. Escola B	144	211	34	42	1	4	33	38	18	34
II - Pontifícia Univ. Católica										
3. Escola C	—	193	—	49	—	—	—	49	—	26
4. Escola D	77	117	15	33	—	—	15	33	15	32
III - Univ. Mogi das Cruzes										
5. Escola E	—	284	—	89	—	—	—	89	—	60
VI - Estabelecimentos Isolados										
6. Escola F	138	247	34	54	1	—	33	54	25	29
7. Escola G	140	210	29	62	—	—	29	62	19	50
8. Escola H	90	—	30	—	1	—	29	—	26	—
TOTAL	893	1594	199	411	5	4	194	407	150	300

6) Aspiração e informação sobre a carreira — razões que o levaram a optar pelo curso; grau de auto-realização no curso; informações referentes às oportunidades de trabalho a que a profissão conduz; pretensão de exercício profissional no ano seguinte à formatura.

Ao término do questionário acrescentou-se o tópico “Comentários e observações”, visando a permitir ao aluno expressar-se livremente após haver respondido toda uma série de questões pré-determinadas.

3 — APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO

A coleta de dados nos dois períodos foi efetivada pela própria autora em todas as escolas, em novembro de 1973 e maio de 1976. Adotou-se a sistemática de distribuir os questionários nas salas de aula e de recolhê-los imediatamente após o seu preenchimento, não se limitando o tempo disponível para as respostas. Deu-se preferência a tal sistema de coleta porque a distribuição com devolução posterior pelo próprio informante poderia acarretar perda elevada de questionários.

Por ocasião da aplicação dos questionários, inicialmente procurou-se motivar os estudantes, explicando-lhes o propósito do estudo e pedindo sua colaboração.

Visando a padronizar o estímulo adotou-se como norma que as questões fossem comentadas uma a uma e, ao mesmo tempo, explicadas antes que começassem a responder. E a cada pergunta os informantes eram inquiridos sobre dúvidas que porventura ainda existissem. Com esse procedimento, tentou-se eliminar erros de interpretação e tornar os estímulos uniformes.

De modo geral, nas duas coletas, o questionário foi recebido com grande interesse por parte dos estudantes presentes e nenhum deles se negou a colaborar. Por parte das escolas houve pronta autorização para a aplicação do mesmo e, em algumas, até mesmo providência das diretoras, destacando professores ou funcionários para acompanhar a entrevistadora, levando-a até os alunos e auxiliando-a, o que facilitou grandemente seus contactos. As informações sobre o número de alunos cursando e desistentes, taxas e mensalidades, carga horária, etc., foram fornecidas sem nenhuma restrição pela secretaria das escolas. Alguns professores e alunos solicitaram resultados da pesquisa, mostrando interesse em conhecer melhor os estudantes e seus problemas. Nas partes que se seguem são apresentadas os resultados obtidos.

II — CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

Nesta seção pretende-se oferecer uma visão atualizada da população universitária paulista matriculada nas terceiras séries de graduação das Faculdades de Enfermagem existentes no Estado de São Paulo, em 1976, confrontando-a com população semelhante amostrada em 1973.

Os dados obtidos são analisados obedecendo aos seguintes aspectos: dados demográficos, situação sócio-econômica, vida escolar, situação econômica atual, requisitos para aproveitamento escolar, aspiração e informação sobre a carreira que pretende seguir.

Omitiram-se as tabelas e alguns comentários nesta seção, devido à necessidade de resumir o trabalho para a publicação.

1 — DADOS DEMOGRÁFICOS

Enquanto em 1973, 78% dos terceiranistas cursavam as Faculdades de Enfermagem localizadas na Capital, em 1976 essa população atingiu 49,4%. Deve-se registrar, todavia, que, em 1973, duas das oito escolas de enfermagem em funcionamento no Estado de São Paulo, ambas localizadas no Interior, não possuíam classes de terceiro ano, por estarem, então, em início de atividades. Na pesquisa de 1976 a amostra incluiu o contingente de terceiranistas desses dois estabelecimentos, o que resultou na diminuição relativa da percentagem de alunos daquela série em escolas da Capital.

Ainda neste item é importante notar que, no período de três anos, quase que dobrou o número de estudantes paulistas que procuraram as escolas de enfermagem. O número de escolas manteve-se inalterado e aquele aumento certamente se relaciona não só com a maior oferta de vagas em todas as escolas, como também com a entrada em funcionamento dos cursos de habilitações, fato esse que só não se registrou em apenas uma delas.

1.1 — Sexo

Quase toda a população ainda é do sexo feminino. Encontrou-se a proporção de 94,7% de mulheres na primeira amostra (1973), crescendo este índice para 96,3% na segunda (1976).

1.2 — Idade

Observou-se apreciável decréscimo nas idades dos terceiranistas.

Na segunda amostra (1976) apareceu uma nova classe, onde se incluem 2,3% dos estudantes, com menos de 20 anos de idade.

Predominou a faixa de 20 a 23 anos, que de 51,4% em 1973 subiu, em 1976, para 67,4%.

O decréscimo das idades manifestou-se também nas faixas de 24 a 29 anos, onde se enquadravam 34% dos estudantes em 1973, caindo esse índice para 20,7% na amostra total de 1976, e para 19,5% na amostra parcial. Enquanto 13,3% dos terceiranistas em 1973 ultrapassaram a faixa de 30 anos, em 1976 esse valor baixou para 9,3% na amostra total e para 5,1% na amostra parcial.

Verifica-se que os alunos de enfermagem enquadram-se, hoje, em maior número, na categoria de estudantes com escolaridade normal, isto é, ingressaram na faculdade com 18 a 20 anos.

1.3 — Estado Civil

Continua a ser pequeno o número de estudantes casados, tendo havido mesmo um discreto declínio de 10,7% (1973) para 8,4% (1976).

Assim, os solteiros constituem ainda a grande maioria, registrando-se pequena elevação de 88,7% (1973) para 90,4% (1976).

2 — SITUAÇÃO SÓCIO — ECONÔMICA DOS ESTUDANTES

2.1 — Mobilidade Geográfica

Julgou-se necessário na caracterização do estudante de enfermagem descrever a mobilidade geográfica das três gerações mediante o estudo da origem dos avós, dos pais e dos próprios estudantes. Registrou-se discreto aumento dos avós brasileiros, de 46,7% em 1973 para 47% em 1976.

A porcentagem dos avós estrangeiros (48,4%) manteve-se quase inalterada, do que se deprende que aproximadamente a metade dos terceiranistas de enfermagem continua constituída de netos de estrangeiros. É interessante notar ainda que, entre estes, mantém-se quase inalterada a predominância dos avós japoneses (50,3% do total de estrangeiros). Chama a atenção esse predomínio nas escolas de enfermagem ao confrontar com a população universitária paulista, que nos achados de PASTORE & PEROSA em 1969 era de apenas 8,9% (incluindo japoneses e chineses). Do ponto de vista do ensino, seria interessante detectar a que fatos sociais e culturais estaria vinculada essa tendência dos descendentes nipônicos na procura pelo curso de enfermagem.

As características de nacionalidade dos pais dos estudantes mostram alterações significativas entre os dois levantamentos quando comparadas às dos avós. São, porém, de pequena relevância quando confrontadas entre si. Registrou-se pequeno aumento na proporção de pais brasileiros, de 65,4% (1973) para 67,7% (1976).

A quase totalidade dos estudantes amostrados nasceu no Brasil. O índice que em 1973 era de 92,7%, elevou-se em 1976 para 95,3%. Concomitantemente o número de alunos de procedência estrangeira sofreu redução de 6,0% para 2,7%.

A mobilidade geográfica pode igualmente ser evidenciada quando se dispõe de informações sobre o local onde o estudante concluiu o segundo ciclo.

Entre 1973 e 1976 diminuiu 9,6% (de 56,0% para 46,4%) a proporção dos estudantes que cursam as Faculdades das cidades onde concluíram o segundo ciclo. Por outro lado, ainda sob esse aspecto, observou-se aumento de 13,3% no número de estudantes que se deslocaram do local onde concluíram o segundo ciclo para outra cidade do próprio Estado, onde estão as faculdades de enfermagem, diminuindo de 4% a mobilidade na transferência interestadual.

As informações sobre a residência durante o ano letivo revelaram que 62,7% dos estudantes amostrados em 1976 moram com a família (pais, cônjuge e parentes), tendo portanto se elevado de 7,3% em relação ao índice da coleta anterior. São "independentes" 32,6% (vivem em república, pensões, pensionatos ou sozinhos), acusando decréscimo de 5% entre os dois levantamentos.

Vale registrar que é reduzido o número de estudantes que se utilizam de alojamento universitário-de 7,3% diminuiu para 3,7%. Esse tipo de alojamento existe em apenas uma faculdade particular, sendo pago pelos estudantes, como o são os pensionatos, pensões e repúblicas.

2.2 — Nível de instrução dos pais

Considerando-se a instrução dos pais por nível de escolaridade, a amostra de 1976 revelou que 2,7% são analfabetos, 47,0% têm curso primário (completo ou incompleto), 18,3% o primeiro ciclo (completo ou incompleto), 13% o segundo ciclo (completo ou incompleto), 16% ingressaram em curso superior e 12,7% o concluíram.

Em confronto com os dados de 1973, verifica-se que embora aumentasse (1,4%) o pequeno número de pais analfabetos, ocorreu diminuição (12,3%) daqueles com instrução primária, com elevação, ainda que reduzida, dos que fizeram o primeiro ciclo (1,6%) e o segundo ciclo (5,0%). O número de pais com instrução universitária, completa ou não, sofreu discreta elevação (4,0%), aumentando (3,4%) a proporção dos que concluíram o curso superior.

Quanto à escolaridade das mães, a pesquisa de 1976 indicou que 4% delas são analfabetas, 54,4% cursaram o primário (completo ou incompleto), 17% o primeiro ciclo (completo ou incompleto), 15,6% o segundo ciclo (completo ou incompleto) e 4,7% freqüentaram o curso superior (completo ou incompleto). Na mesma ordem, as proporções observadas em 1973 foram as seguintes: 5,4%, 58,7%, 15,3%, 12%, 4%.

Observa-se que, com relação às mães, as mudanças se mostram bem mais discretas; a escolaridade superior em quase nada se alterou e o número de analfabetas apresentou redução.

Considerando a instrução universitária como indicador de ascensão "status" sócio-econômico), pode-se afirmar que a maioria dos estudantes continua experimentando um "processo de mobilidade vertical" em relação a seus pais.

2.3 — Situação ocupacional e econômica dos pais

2.3.1 — Ocupação do pai

O estudo mostrou que a situação de emprego do pai do estudante de enfermagem sofreu as seguintes modificações: 50,8% trabalham por conta própria (com ou sem empregados, sócios ou donos de firma), decrescendo, portanto, de 7,9% em relação a 1973; 43,8% trabalham como empregados ou do Governo ou de particulares, elevando-se, assim, de 8,5% a proporção atual.

Conclui-se do exposto que houve decréscimo dos que trabalham por conta própria, contra um aumento quase equivalente dos que são empregados. Se se combinam tais informações com os dados: 82% dos pais possuem residência própria, metade das famílias têm renda superior a quatro mil cruzeiros, (sendo que, destes, 41% a percebem acima de cinco mil cruzeiros) constata-se que se mantém a tendência das escolas de enfermagem em receber alunos, cujos pais se situam nas camadas médias da população.

2.3.2 — Ocupação da mãe

A proporção de mães que não exercem atividades remuneradas (71,4%) elevou-se de 6,7% na amostra de 1976.

2.3.3 — Ocupação do estudante

Vê-se que 67,3% dos terceiranistas da amostra de 1976 não trabalhavam antes de ingressar no curso de enfermagem, registrando-se uma elevação de 11,9% em relação a 1973.

Paralelamente, os dados revelam que a proporção dos que trabalham durante o curso decresceu, entre aqueles dois anos, de 57,9% para 41%.

A conjunção desses dados mostra uma diminuição expressiva do número de estudantes dedicados a trabalho remunerado durante sua vida escolar.

2.3.4 — Renda mensal da família

Na pesquisa de 1973 constatou-se que 41,4% das famílias dos terceiranistas das escolas de enfermagem possuíam renda mensal inferior a dois mil cruzeiros, e 17,3% superior a quatro mil cruzeiros. Como era de esperar, em função da desvalorização da moeda, houve em deslocamento para cima daqueles níveis. Com efeito, a proporção das famílias que percebiam mais de quatro mil cruzeiros passou a ser de 50,6%.

Visando a quantificar a renda real, na pesquisa de 1976 procedeu-se à introdução de mais duas faixas ("de 4.000 a 4.999" e "mais de 5.000"), acréscimo que, todavia, revelou-se, posteriormente, insuficiente para uma determinação mais bem definida daquela. Os dados obtidos tão somente permitem indicar que 9,6% das famílias se acham na faixa de "4.000 a 4.999" e 41% naquela de "mais de 5.000".

2.3.5 — Residência dos pais

A grande maioria dos pais dos terceiranistas (82%) possui residência própria, tendo a proporção se elevado de 8% em relação a 1973 (74%). Tomando-se tal informe como um dos índices de "status" sócio-econômico, constata-se uma moderada ascensão nas duas gerações de estudantes.

3 --- VIDA ESCOLAR

Nesta parte analisam-se as informações referentes à vida escolar do estudante de enfermagem, traçando um quadro geral que o define quanto ao curso de segundo ciclo concluído, intervalo entre os cursos médio e superior, freqüência a "cursinhos", número e tipo de vestibular prestado e freqüência a outros cursos universitários.

3.1 — Curso de segundo ciclo

Conforme o curso de segundo ciclo que concluíram, os universitários de enfermagem podem ser divididos em três grupos. No primeiro estão os que completaram o curso normal, comercial, industrial e clássico, que da proporção de 40,1% em 1973, passou para 17%, portanto, com expressiva redução de 23,1% em 1976. No segundo grupo situam-se os que fizeram o curso científico ou correspondente, cuja proporção elevou-se de 44% para 71%, com aumento, portanto, de 27% no último período. Incluem-se no terceiro grupo os que para ingressar nas escolas de enfermagem fizeram o curso de madureza: de 9,3% reduziu-se para 4,7% nos dois anos considerados, com decréscimo de 4,6%. É de interesse registrar a diminuição de 1,9% entre os estudantes que concluíram mais de um tipo de curso.

Merece destaque a acentuada diminuição (21%) de normalistas na amostra total de 1976. Pelo currículo das escolas de enfermagem é ideal que os estudantes procedam do curso científico. Verificou-se acentuada tendência nesse sentido no último período. Tal fato, provavelmente, influenciará na melhoria do nível de escolaridade do estudante que procura o curso de enfermagem, pois supõe-se que a maioria teve no segundo ciclo certas matérias consideradas básicas, tidas como imprescindíveis nas disciplinas de enfermagem.

3.2 — Intervalo entre os cursos médio e superior

Do total de informantes da amostra de 1976, 42,7% se matricularam nas Faculdades de Enfermagem no ano subsequente ao da conclusão do segundo ciclo, não tendo sofrido, pois defasagem entre

a escola média e superior. Nota-se, portanto, uma discreta diminuição de 7,3% em relação aos achados de 1973. Do restante, 57,3% acusaram intervalo de tempo, distribuindo-se em dois grupos: a) os que esperaram de um a dois anos — 47,3% (elevando-se de 15,9% em relação a 1973) — sofrendo, por conseguinte, atraso; b) os que esperaram mais de dois anos — 9,3% (diminuindo em 6% entre os mesmos períodos) — atrasando-se em demasia.

O decréscimo do número de estudantes que entraram na faculdade no ano seguinte ao do término do segundo ciclo talvez possa ser explicado pela maior exigência nos vestibulares (CESCEM), pois teoricamente, aumentou o número de alunos com preparo mais adequado (científico) ao lado do índice quase inalterado dos que frequentaram "cursinhos" preparatórios.

3.3 — Frequência a "Cursinhos"

A maioria — 76% — dos estudantes da amostra frequentou "cursinhos", enquanto 23,7% ingressaram na faculdade sem necessidade desse recurso. Confrontando tais dados com os achados de 1973, constata-se que houve decréscimo de 3,4% no primeiro caso e aumento de 3,7% no segundo.

Conhecendo-se o número de vezes que os estudantes prestaram vestibular, é possível ter-se uma idéia das dificuldades que encontram para ingressar nas escolas de enfermagem. A pesquisa atual mostrou que a maioria, 79%, continua conseguindo ser aprovada na primeira tentativa, o que parece indicar a existência de certa facilidade nos exames vestibulares quando comparada a outros ramos, como medicina, por exemplo, onde 45,2% dos alunos realizaram mais de duas tentativas para ingressar (PASTORE & PEROSA 1971).

3.4 — Vestibular para outro curso

O fato de terem ou não prestado vestibular para outro curso é apontado por PASTORE & PEROSA como "grau de certeza" que os estudantes possuem de sua opção por um determinado ramo. Entre os alunos de enfermagem amostrados em 1976, parte ponderável — 42,7% — não efetivou seu ingresso por escolha única, estando bem próximo aos dados de 1973, quando tal proporção foi de 40,6%. No entanto, quando inquiridos sobre as razões de sua escola pelo ramo, 64,6% (1973) e 67% (1976) alegaram "inclinação pela profissão".

Podem-se sugerir algumas explicações. Tem-se dois grupos dos que prestaram vestibular para outros cursos: a) os que, não tendo conseguido aprovação — 23,3% (1973) e 22,3% (1976) —, desloca-

ram-se para a enfermagem; e b) os que, embora aprovados — 17,3% (1973) e 20,4% (1976) — ou por decepcionarem-se com a escolha, ou por não disporem de recursos para freqüentá-los, ou outro motivo qualquer, procuraram então a enfermagem.

Analisando os informes sobre a satisfação do estudantes com relação ao curso, encontraram-se os seguintes resultados: 84,7% (1973) e 84% (1976) mostraram-se satisfeitos. Destes, embora 65,4% e 61,7%, respectivamente, não tenham mudado de idéia desde o início, 19,3% e 22,3%, na mesma ordem, não pretendiam fazer o curso inicialmente, mas agora estão satisfeitos. Enquanto isso, 12% e 13%, respectivamente, decepcionaram-se com a escolha; 1,3% e 2% alegaram não ser a profissão que desejavam e não mudaram de pensamento. Associando as últimas opiniões, chega-se à conclusão de que, não obstante 40,6% (1973) e 42,7% (1976) dos alunos não tivessem ingressado por escolha única, apenas 13,3% e 15%, respectivamente, dos terceiranistas de enfermagem sentem-se frustrados na carreira antes mesmo de nela ingressar.

3.5 — Freqüência a outros cursos universitários

Embora muitos terceiranistas de enfermagem tenham prestado vestibular para outros ramos e alguns deles — 17,3% (1973) e 20,4% (1976) — tenham sido aprovados, apenas 2% na amostra total e 2,4% na parcial de 1976 afirmaram estar cursando outra escola superior, enquanto na amostra de 1973 nenhum cursava escola de outro ramo.

Dos informantes, somente 1,3% em 1973 e 2,3% da amostra total de 1976 tinham completado outro curso superior (duas obstetrias em 1973 e quatro obstetrias, uma advogada, uma pedagoga e um biologista em 1976).

4 — SITUAÇÃO ECONÔMICA ATUAL DO ESTUDANTE

4.1 — Ocupação remunerada do estudante

Mais da metade dos estudantes — 57,9% — exerciam atividade remunerada em 1973, tendo esse índice sofrido redução de 16,9% na amostra de 1976.

Dentre os que trabalham, houve diminuição de 6,8% dos que o fazem por necessidade de remuneração e, ao mesmo tempo, para adquirir experiência profissional; aumento de 7,2% dos que apontam como principal razão apenas a necessidade de remuneração e aumento de 1,5% dos que alegam apenas ganho de experiência.

4.2 — Tipo de auxílio financeiro recebido

Na coleta de 1973, 28% dos terceiranistas recebiam auxílio financeiro de instituições ou de particulares e tal proporção, em 1976, baixou significativamente para 14,4%.

4.3 — Contribuição do estudante para a despesas da família

O estudo mostrou que, enquanto 31,3% dos terceiranistas em 1973 colaboravam no orçamento familiar mas sem se constituírem em arrimo de famílias, na amostra total de 1976 esse índice caiu para 18,3% (com redução de 13%), sendo que, destes, 3% se dizem arrimo de família. Pode haver distorções nesses dados, visto que 10,7% e 4% dos alunos, em 1973 e 1976 respectivamente são casados.

4.4 — Renda mensal oriunda do salário

Praticamente não houve alteração na proporção dos estudantes que percebem salário (36,7% em 1973 e 33,6% na amostra de 1976).

Com base no índice 2 de "Conjuntura Econômica", aplicando-se o coeficiente relativo a 1975, na falta do coeficiente final referente a 1976, deflacionaram-se os valores constantes das faixas. Esse coeficiente foi aplicado ao ponto médio de cada um dos intervalos. A seguir, reagrupadas as faixas, a distribuição percentual dos alunos de amostra total de 1976, segundo o salário, passou a ser a seguinte: "200 cruzeiros ou menos", 1,4%; "de 201 a 600", 9,6%; "de 601 a 1000", 14,3%; "de 1001 a 2000", 4,4%; "de 200 a 3000", 2,3%; "mais de 3000", 1,6%.

O confronto das percentagens assim obtidas, ou seja corrigidas para os valores de 1973, parece sugerir que houve ligeira melhoria na remuneração proveniente de salário, uma vez que na faixa inferior houve decréscimo de 4,7% para 1,4% entre aqueles dois anos e nas superiores uma elevação de 1,3% para 3,9%.

4.5 — Ajuda financeira recebida da família

Enquanto 48% dos estudantes amostrados em 1973 recebiam mesada da família, em 1976 esse índice subiu para 62,7%, tendo, portanto, se elevado de 14,7% o número de estudantes que têm auxílio de tal ordem.

Com base no mesmo índice usado no item anterior deflacionaram-se os valores. Reagrupando as faixas, a distribuição dos estudantes segundo a ajuda financeira recebida da família apresentou-se na amostra total de 1976 do seguinte modo: "200 cruzeiros ou menos" 18,4%; "de 201 a 400" 11,0%; "de 401 a 600" 19,0%; "de 601 a 800" 6,3%; "mais de 800" 8,0%.

O confronto dessas percentagens corrigidas para os valores de 1973, sugerem que houve discreta elevação na renda mensal do estudante proveniente da mesada, uma vez que a faixa inferior decresceu de 26,7% para 18,4% entre os dois períodos em estudo e a superior se elevou de 1,3% para 8,0%.

4.6 — Despesas anuais com o curso

O número dos informantes pertencentes a escolas públicas (e que, portanto, não têm nenhuma despesa com taxas e anuidades) passou de 43,3% para 34,3% (decrescendo 9%). Por outro lado, elevou-se na mesma proporção, o número dos que cursam faculdades pagas. Destes últimos, na amostra de 1973, 56,7% tinham despesas anuais variando de um a três mil cruzeiros. Na amostra de 1976 passou para 65,7% a proporção dos que referiram ter despesas, variando estas entre quatro e onze mil cruzeiros. Deve-se registrar que 28,7% têm despesas anuais com o curso entre dez e onze mil cruzeiros.

Usando-se o mesmo processo de deflacionamento já indicado nos dois itens anteriores, constata-se que houve uma nítida elevação nas despesas anuais com o curso. Em 1973, 56,7% dos alunos dispendiam entre 1.000 e 3.000 cruzeiros, em 1976 51,0% tinham gastos entre 3.000 e 7.000 cruzeiros (cruzeiros de 1973).

4.7 — Disponibilidade de carro pelo estudante

A posse de carro para uso pelo próprio estudante pode ser considerada como um dos indicadores de seu nível econômico. Nesse sentido, a maioria dos amostrados — 67,3% e 63,7%, em 1973 e 1976 respectivamente — afirmou nunca dispor de veículo para utilização própria, sendo que 32% e 35%, na mesma ordem, contam com ele (aumentando de 1,6% os que dispõem às vezes e de 1,4% os alunos que dispõem sempre).

5 — REQUISITOS PARA O APROVEITAMENTO ESCOLAR

Nesta parte, levam-se em consideração as possibilidades maiores ou menores que os estudantes encontram para o seu aproveitamento escolar. Com tal objetivo, focalizam-se nos sub-ítemes seguintes os aspectos considerados importantes.

5.1 — Relação do trabalho com o tipo de curso

Os universitários que trabalham durante o curso, com a finalidade de adquirir experiência profissional, estariam teoricamente preparando-se melhor para o futuro. O inverso ocorreria com os que, por necessidade de remuneração, desempenham funções em atividades desvinculadas de sua futura profissão, o que poderia levá-los a um preparo teórico deficiente.

Nesse sentido, analisando as informações coletadas nos dois períodos, verificou-se que de 77,1% (em 1973) caiu para 65,9% (em 1976) — decrescendo 11,2% — o índice dos estudantes que afirmam que seu trabalho contribui para a formação profissional no campo da enfermagem.

Seria necessária uma descrição das atividades atuais dos universitários de enfermagem quanto à adequação dessas atividades às escolares e profissionais. Sem isso, qualquer conclusão sobre os benefícios ou malefícios de exercerem as duas atividades seria precipitada.

Outro aspecto importante a levar em conta é o fato de os cursos de enfermagem, com exceção de um, serem de tempo integral, exigindo de alguns alunos serviços noturnos. Excetuam-se os que têm atividade de bolsa-trabalho e monitoria. Apenas pode-se concluir se o trabalho do estudante é prejudicial em termos de tempo que destina ao mesmo.

5.2 — Número de horas de trabalho do estudante

Entre os alunos que trabalham, considerando-se sua jornada de atividade diária, foram encontradas, entre 1973 e 1976, as seguintes alterações: na amostra total houve aumento de 14,6% no número dos que trabalham mais de oito horas por dia (mais de 40 h/semana, portanto).

Merece destaque o fato de que a metade (50,4%) dos estudantes que trabalham têm uma jornada de sete horas diárias ou mais. Deduz-se, que, embora diminuisse de 16,9% o número de estudantes que exercem atividade remunerada durante o curso, aumentou 13,2% o índice dos que têm jornada de trabalho acima de sete horas diárias. Contudo, é preciso acrescentar que dentre estes últimos quase a metade (43,6%) pertence à única Faculdade de Enfermagem (dentre as sete escolas amostradas) que oferece curso noturno ou em regime parcial.

5.3 — Número de horas de estudo em casa ou na bibliotéca

Os dados levantados revelam que, enquanto em 1973 31,3% dos terceiranistas estudavam mais de dez horas por semana fora do período de aula, em 1976 a proporção passou para 21,7%, diminuindo 9,6%.

É difícil explicar tal fato, especialmente quando se considera que houve aumento de 16,9% na proporção dos estudantes que deixaram de trabalhar. Talvez essa redução de horas de estudo se deva, em parte, a uma possível sobrecarga do período escolar, deixando pouco tempo livre para que 68% possam estudar mais de duas horas por dia fora do período de aula.

5.4 — Horas de atividades escolares por semana

Entre as atividades escolares semanais dos estudantes de enfermagem contam-se aulas expositivas, seminários e estágios.

Quando se analisam os dados referentes às aulas expositivas, constata-se razoável disparidade entre os achados das duas gerações. Observa-se que o número de informantes que referiram ter aulas expositivas que tomavam de 1 a 9 h/ semana e que, portanto, absorviam de menos de uma hora até uma hora e meia por dia, passou de 72,7% em 1973 para 36% em 1976, com diminuição de 36,7%. Acrescenta-se que a classe de "1 a 3 horas por semana", que era de 14,7%, não compareceu no último levantamento. Por outro lado, a proporção dos que disseram freqüentar aulas expositivas que tomavam de quase duas a três horas por dia, ou seja, mais de dez horas semanais, aumentou de 25,3% para 64% (mais 38,7%).

A prática dos seminários entre os terceiranistas, como era de se esperar tendo em vista os dados anteriores, sofreu alteração ao inverso, diminuindo significativamente o número de horas dedicadas a essa atividade. Dentre os que a praticavam de uma a dez horas por semana houve aumento de 52% para 79,3% (mais 27,3%). Por outro lado, a proporção dos que disseram tê-la entre onze e vinte horas semanais, o que dá aproximadamente de duas a três horas e meia por dia, se alterou de 46% para 20,7% (menos 25,3%).

No que diz respeito às aulas práticas e estágios este item mostrou concordância com os dados anteriores, pois houve redução significativa do número de horas com essa atividade por semana. Dentre os que a praticavam em número inferior a 22 horas semanais (o que significa menos de 4 h/ dia) registrou-se elevação de 32% para 59,1% (com 27,1% de diferença). É preciso acrescentar nesse grupo uma nova classe "menos de 20 horas/semana", contando com 24,7% dos terceiranistas do último levantamento.

Mantendo a mesma proporção diferencial, o número dos que referiam tê-la 4 horas/dia ou mais, decresceu de 68% para 40,9%.

Em síntese, constatou-se que, nos dados de 1976, as horas de atividades escolares semanais ou diárias sofreram expressivas alterações, aumentando as horas de aulas expositivas em detrimento das atividades discentes nos seminários e prática de estágios.

5.5 — Tempo gasto no percurso para a escola

O estudo revelou os seguintes resultados com relação ao tempo despendido pelos estudantes no percurso da residência até a Faculdade: houve diminuição (54% para 33,7%) na proporção de estudantes que levam menos de meia hora e aumento dos demais índices: de 21,4% para 31% de meia a uma hora; de 14% para 21,7% mais de uma até duas; de 1,3% para 8,7% mais de duas até três horas.

Surgiram duas novas classes no levantamento de 1976, contando-se 1,7% dos terceiranistas com mais de três horas do tempo gasto no percurso.

6 — ASPIRAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE A CARREIRA

Analisa-se nesta parte do trabalho os dados que indicam qual a aspiração do universitário de enfermagem e informações acerca de sua carreira, a partir dos motivos que o levaram a escolher o curso. Analisa-se igualmente sua satisfação quanto à escolha feita, qual seu parecer com relação às oportunidades de trabalho e como pretendem exercer a profissão logo depois de formados.

6.1 — Motivos da opção pelo curso

Dos entrevistados, a maioria (64,6% em 1973 e 67% na amostra total de 1976) continua alegando como motivo principal de sua escolha pelo curso a inclinação pela profissão, isto é, a sua vocação. Entre os demais estudantes que apontaram outras razões, os índices mostram-se bem próximos nos dois períodos estudados.

6.2 — Como o estudante encara a profissão futura

Interpretando os dados sobre a satisfação com a escolha pela enfermagem, verifica-se que os estudantes amostrados, em sua grande maioria — 84,7% (1973) e 84% (1976) — responderam de maneira positiva, isto é, que estão satisfeitos, sendo que decresceu de 3,7%

os que não mudaram de idéia desde o início, e aumentou de 3% os que não desejavam o curso inicialmente, mas agora estão satisfeitos. Por outro lado, manteve-se quase inalterado (12% e 13%) o número dos que se decepcionaram com a escolha, enquanto que uma pequena minoria (1,3% e 2%) afirmou não ser a profissão que queriam e não mudaram de pensamento.

É interessante observar que os achados da pesquisa estão próximos aos de PASTORE & PEROSA (1971) que apontam os estudantes de enfermagem entre os mais satisfeitos (85%) quanto à sua opção profissional.

6.3 — Possibilidade futura de trabalho

Quanto às possibilidades futuras de trabalho existentes, observa-se que os informantes da amostra atual se revelam mais otimistas que os de 1973, pois houve elevação do índice dos que as acham ótimas (17,3% para 18,3%) e boas (51% para 60%) e decréscimo dos que as acham regulares (20,7% para 16,7%) e ruins (0,7 para 0,3%).

No que se refere à remuneração inicial esperada, 94,1% dos amostrados em 1973 consideraram que se situaria entre 1.500 e 3.000 cruzeiros. Entretanto, uma pequena minoria (5,3%) julgou que estivesse acima de três até quatro mil cruzeiros.

Como era de esperar, em função da desvalorização da moeda, houve um deslocamento para cima daqueles níveis. Com efeito, na amostra de 1976, a proporção dos estudantes que aspirava a um salário acima de 4.000 cruzeiros passou a predominar (71,3%), enquanto que um número menor (22,4%) indicou a faixa alta anterior, isto é, mais de 3.000 até 4.000 cruzeiros.

Pelo levantamento deduz-se, portanto, que a maioria se acha bem informada sobre o mercado de trabalho, pois para um profissional em início de carreira o salário, na ocasião da coleta, variava entre 4.000 e 6.000 cruzeiros, o que confere com a realidade.

6.4 — Exercício da profissão depois de formados

Considerando que a perspectiva da carreira profissional destacada anteriormente parece refletir-se nas aspirações dos estudantes quanto ao exercício da profissão, eles foram inquiridos sobre as pretensões de exercício profissional no ano seguinte à formatura.

Continua predominando a escolha pelo serviço hospitalar (72% e 70%), em seguida destaca-se serviço de saúde pública (16,6% e 16%); em menor escala preferem as escolas de enfermagem (2,6%

e 1,7%) e finalmente em mais de uma das atividades mencionadas estão 4,1% e 3,3%. Alegam outra situação 2% e 5% dos amostrados.

Os dados da amostra parcial muito pouco diferiram da total.

III — CONCLUSÕES

Nesta secção do trabalho apresenta-se o perfil do universitário de enfermagem mediante uma descrição sucinta de suas características, conforme o objetivo da presente pesquisa.

DADOS DEMOGRÁFICOS

É grande o predomínio de indivíduos solteiros e do sexo feminino, tendo mesmo se elevado esses índices no último período; está ocorrendo apreciável decréscimo na faixa etária predominando a classe de 20 a 21 anos.

SITUAÇÃO SÓCIO ECONÔMICA

Praticamente a metade dos terceiranistas continua constituída de netos de estrangeiros e, entre estes, mantém-se quase inalterada a predominância dos japoneses; a maioria dos pais e quase totalidade dos estudantes continuam sendo brasileiros; está se elevando a mobilidade de estudantes dentro do Estado, diminuindo essa mobilidade na transferência interestadual. Os estudantes continuam residindo quase sempre em companhia dos pais, tendo esse índice aumentado na amostra atual; o alojamento universitário, já quase extinto no levantamento anterior, reduziu-se ainda mais. Os pais têm nível de instrução variada e, embora venha se elevando o nível de escolaridade, ainda aproximadamente 50% têm instrução limitada à escola elementar. Está havendo decréscimo do número de pais que trabalham por conta própria, contra um aumento quase equivalente dos que são empregados; continua predominando a maioria de mães que não exercem ocupação remunerada. Registra-se uma diminuição expressiva do número de estudantes dedicados a trabalho remunerado durante a vida escolar, tanto antes como depois de ingressarem na faculdade de enfermagem; a renda familiar mensal da metade dos terceiranistas situa-se acima de quatro mil cruzeiros; continuam predominando as famílias que possuem casa própria, tendo essa proporção crescido no último período.

VIDA ESCOLAR

Predominam os estudantes com escolaridade normal, isto é, os que ingressaram na faculdade com 18 a 20 anos; está crescendo acentuadamente a incidência de indivíduos com curso científico em

relação aos demais; aproximadamente a metade continua não apresentando defasagem entre os cursos médio e superior. A maioria continua acusando freqüência a cursinhos vestibulares e aprovação no primeiro exame de habilitação à faculdade de enfermagem. Quase a metade prestou exame vestibular para outro ramo, embora alguns deles tenham sido aprovados, apenas a minoria freqüenta outra escola superior e pequeno número se formou em outro curso.

SITUAÇÃO ECONÔMICA ATUAL DO ESTUDANTE

Está ocorrendo redução expressiva do número de estudantes que exercem ocupação remunerada, porém, destes, a maioria ainda o faz por necessidade econômica; baixou significativamente o número dos que recebiam auxílio financeiro de instituições ou de particulares, embora a maioria já não o recebesse antes; mais da metade não colaborava no orçamento familiar, tendo se reduzido ainda mais no último período; dos que colaboravam, um pequeno número se constituiu em arrimo de família; está aumentando razoavelmente a proporção dos que recebem mesada (a grande maioria) e o maior número dos que têm auxílio de tal ordem ganha de quatrocentos a mil cruzeiros mensais; dos que recebem salário, mais da metade coloca-se na faixa de mil a dos mil cruzeiros; ainda a minoria continua disposta de carro para uso próprio; está aumentando o índice dos que cursam faculdades pagas (a maioria aí se inclui); destes, aproximadamente três quartos têm despesas com taxas e anuidades entre seis a onze mil cruzeiros.

REQUISITOS PARA APROVEITAMENTO ESCOLAR

Embora a grande maioria dos que têm emprego afirme que seu trabalho contribui para a formação profissional, esse índice caiu significativamente na amostra atual; acentuou-se o já expressivo número de alunos que têm jornada de trabalho diário em torno de oito ou mais horas, — metade dos que trabalham dispõem de sete ou mais horas diárias. Verifica-se ainda alta incidência de alunos que estudam menos de dez horas semanais fora do período de aula; está ocorrendo acentuado aumento e predomínio dos que assistem a aulas expositivas de duas a três horas/dia; a prática dos seminários deixou de superar as aulas expositivas, prevalecendo os que têm essa atividade durante cerca de meia até uma hora e meia por dia. Houve redução significativa do número de aulas práticas e estágios, semanais: pouco mais da metade tem essa atividade durante menos de quatro horas por dia. Reduziu-se a menos da metade o número de estudantes que gastam menos de meia hora no percurso da residência à faculdade e aumentou a proporção dos que levam nesse percurso entre uma e duas horas.

ASPIRAÇÃO E INFORMAÇÃO SOBRE A CARREIRA

A maioria continua alegando como motivo principal de sua opção "inclinação pela profissão", assim como continua a predominar grandemente os que se dizem satisfeitos com a sua escolha; pouco mais da metade classifica como boas as possibilidades de trabalho existentes; a maioria acredita que a remuneração inicial se situe acima de 4.500 cruzeiros; continuam atingindo número bastante elevado os alunos que pretendem exercer a profissão em serviço hospitalar, no ano seguinte à formatura.

IV — REFLEXÕES FINAIS

A autora escolheu dentro da profissão dedicar-se à educação, isto é, ao preparo e à formação de novos profissionais. E quando se fala em educação, por mais especializadas e diferenciadas que sejam os objetivos a que se propõe — como é o caso da formação em enfermagem — não há como fugir às premissas básicas e mais gerais da ciência pedagógica. Segundo a pedagogia, um processo educacional é adequado na medida em que o educador conhece e leva em conta ou manipula conscientemente os dados concretos que deve possuir relativos a cinco referenciais básicos: **quem** vai ser educado? (o educando e suas características); **o que** deve ser ensinado? (conteúdo a ser transmitido); **quando?** (tempo total, cargas horárias, distribuição relativa, momentos adequados a cada unidade); **para que?** (é o comportamento de saída, ou o perfil do profissional pronto, exigido pelo mercado); **como** (metodologia).

Foi nesta perspectiva e dentro deste contexto que se encontrou motivação para a escolha do assunto da presente pesquisa que, precisamente, objetivou fornecer subsídios concretos e atualizados relativos ao aluno de enfermagem (quem).

Autores há, como ROGERS (1973), por exemplo, que vão mais longe e afirmam ser a pessoa do aluno o centro de todo o processo de ensino e que a determinação das demais respostas (o que, como, etc.) deve partir exclusivamente da realidade pessoal concreta do educando.

É ponto de vista da autora que estudos como este e outros que lhe dêem continuidade e que se fazem necessários, estão perfeitamente dentro do âmbito da profissão, uma vez que a formação de novos enfermeiros está afeta, senão exclusivamente, pelo menos em maior parte, aos próprios profissionais da enfermagem.

Aceitas estas reflexões, é oportuno ressaltar aqui algumas conclusões da pesquisa, suficientemente significativas para serem levadas em conta pelas educadoras de enfermagem, quanto à possibilida-

de de existência de uma inadequação na metodologia vigente (o **como educar**), resultante possivelmente do processo de mudança que está ocorrendo no perfil médio da população de alunos.

Tendo em conta a pesquisa, descobre-se que a disponibilidade de tempo para estudo e leituras fora do período de atividade escolar, que já é bem amplo, fica gravemente prejudicada. Sabendo-se que a metade trabalha para poder manter-se no curso e que grande proporção o faz numa jornada acima de sete horas por dia — muito embora um número razoável afirme que esse trabalho é adequado à sua formação profissional — tal situação reflete-se, evidentemente, no rendimento escolar, pois além de reduzir seu tempo disponível para os estudos, pode causar-lhe sobrecarga física e mental. Nesse sentido, parece ser válido destacar o tempo despendido “num dia médio” do estudante de enfermagem, facilmente extraído dos índices mais altos de cada atividade. Adicionando-se as horas gastas em aulas, seminários e estágios mais o tempo gasto no percurso da residência à escola, mais as horas de estudo em casa ou na biblioteca e as horas de trabalho para quem tem emprego, resulta uma média de dezessets horas e meia de atividade por dia para os estudantes que trabalham e dez horas e meia para os que só estudam. Esse resultado mostra a sobrecarga a que está sujeito o estudante, sendo importante acrescentar que se trata de indivíduos bastante jovens, sofrendo, ao que tudo indica, prejuízos em atividades extra-curriculares, até certo ponto relevantes, como horas de lazer e de participação específica no ambiente universitário em atividades artísticas, desportivas e científicas, como palestras, congressos, seminários e outras. Isso pode constituir-se num motivo de rebaixamento do nível das escolas de enfermagem e no risco de promover uma passagem brusca à profissionalização. O índice encontrado em 1973 alarmou a autora e algumas educadoras da área de enfermagem. As técnicas de ensino eram praticamente as mesmas usadas nos anos anteriores e constatavam-se, empiricamente e de maneira geral, queixas dos professores sobre a redução do rendimento escolar. Não é difícil concluir que o tipo de ensino não se adequava ao tipo de estudante. Nos achados de 1976, como foi visto, modificou-se, em parte, a situação, o que, todavia não significa em nenhuma hipótese que se deva deixar de buscar novas propostas metodológicas visando a uma melhor adequação do ensino à situação dos estudantes de agora.

Acrescente-se que a grande maioria não recebe auxílio financeiro de instituições e entre os que trabalham a média salarial é pequena, revelando-se grande a proporção dos que freqüentam escolas pagas. Esses dados confirmam a necessidade que têm os estudantes de trabalhar e mais uma vez parecem conduzir à constatação de que os professores conhecedores dessas peculiaridades, a par de uma razoável compreensão, devem empenhar-se na elaboração de métodos e

técnicas de ensino mais adequados, a fim de que o menor tempo de que os alunos dispõem para o estudo não venha prejudicar grandemente o seu rendimento.

O estudo evidencia ainda que o número de aulas expositivas vem sofrendo acentuado aumento em detrimento da prática de seminários, que diminuíram e, dos estágios e aulas práticas, que tiveram redução significativa. Essas alterações são especialmente relevantes quando se trata do ensino de enfermagem, pois a ênfase nas aulas expositivas (onde o professor, na verdade, apresenta os resultados) está se contrapondo às atividades discentes nos seminários e práticas de estágios (onde o aluno, teoricamente, tem mais chance de passar pelo processo de descoberta). Isso parece ser mais sério quando se considera que a profissão de enfermagem se acha numa fase de transição dependendo grandemente do potencial criativo das novas gerações de profissionais a sua consolidação definitiva como ciência aplicada. Talvez seja importante ainda comentar que a permanência da maioria dos alunos no campo de ensino durante quatro horas por dia pode não implicar necessariamente aprendizado efetivo. CARVALHO (1972) apontou como queixa freqüente por parte de alguns alunos o "excesso de repetição, tempo mal aproveitado e experiências pouco valiosas sob o ponto de vista educacional". E significativamente, a autora sugere a reformulação do ensino de campo, a exploração de novos métodos e técnicas para o ensino de enfermagem. Refere-se à "necessidade de evitar repetições desnecessárias e desperdício do tempo do estudante com experiências pouco valiosas sob o ponto de vista educativo".

Dentre os dados relevantes, considera-se também o fato, identificado no primeiro estudo, de que metade dos alunos provinha do curso normal, industrial, comercial, madureza e clássico, e que, portanto, não tiveram oportunidade de receber certas matérias consideradas básicas e indispensáveis para o currículo de enfermagem. Nesse segundo trabalho verificou-se que houve elevação de padrão no nível de escolaridade, pois a maioria provém de curso científico. Talvez se conte hoje com um estudante bem mais caracterizado. A pesquisa, ao mostrar que o aluno tende a trazer um potencial de aprendizagem mais adequado, nos últimos anos, e que existe, de outra parte, uma perspectiva positiva em relação à profissão, leva a perguntar: Como os cursos de enfermagem corresponderão a isso, tendo em vista um aprimoramento da qualidade do ensino? Como as escolas de enfermagem poderiam beneficiar-se desse melhor preparo do estudante? Em outros termos, a metodologia de ensino que vem sendo usada ao longo dos anos está se adequando, tendo em conta a qualificação dos estudantes que está mudando?

Outra característica relevante é o grau de realização do estudante no curso. A "inclinação pela profissão" é o motivo principal de sua opção e a grande maioria está satisfeita com a escolha. Tal

fato parece ser encorajador para o professor de enfermagem que tem à sua disposição um aluno motivado para a aprendizagem. Nesse sentido, é interessante considerar que a enfermagem é uma das profissões que, em termos de expectativa do estudante, oferece perspectivas das mais promissoras em contraposição às outras da mesma área. Isso está em conformidade com o próprio mercado de trabalho. De acordo com os últimos estudos do Ministério da Educação e Cultura, a enfermagem é uma das profissões que têm melhor possibilidades de crescimento na área de saúde, o que mostra que a enfermagem tem condições de almejar uma escalada no sentido de um melhor posicionamento profissional e, talvez, esse fato é que se reflete na pesquisa. Nos dois levantamentos, os dados indicam que 85% dos estudantes estão satisfeitos com a escolha da profissão. Tais dados concordam com os achados de PASTORE & PEROSA (1971), os quais registram que, dentro da população universitária paulista, encontram-se os estudantes de enfermagem entre os mais satisfeitos quanto à sua opção profissional.

A pesquisa atual cumpre uma só parte, isto é, tenta mostrar que diferença qualitativa tem ocorrido no material humano que ingressa nas escolas de enfermagem. Parece estar havendo uma rápida qualificação do aluno que se propõe a fazer esse curso. Por outro lado, o mercado de trabalho parece ser altamente promissor. Cabe, pois, questionar se a maneira pela qual a enfermagem vem sendo ensinada no Brasil corresponde à própria evolução que vem ocorrendo no campo das ciências da saúde e se tem levado em conta aquela progressiva melhoria no nível curricular dos alunos. O nível do curso é tal que os estudantes têm possibilidade de se equiparar aos colegas da área de saúde e com eles participar em trabalho de equipe e em igualdade de condições técnico-científicas? Para se obter uma resposta adequada talvez se tenha que examinar conjuntamente esse material humano que a escola recebe e o tipo de ensino que fornece.

É importante ressaltar o surgimento, mais recentemente, de uma quantidade de indícios que, embora não trabalhados cientificamente, parecem suficientemente significativos e fortes para serem considerados como fatores de inquietação pela autora e por algumas educadoras da área. Tais indícios, relacionados a seguir, constituíram-se — deseja-se ressaltar — em fator de motivação adicional da autora para encetar o estudo, cujos resultados ora apresenta.

As respostas obtidas no item final do questionário proposto aos alunos para os dois levantamentos com o título “comentários e observações” (anexo 5), não foram tratados cientificamente para inclusão neste trabalho. Porém, se se admitir que é válida a hipótese de que o indivíduo tende a expressar aquilo que mais o preocupa no momento, desde que se lhe dê oportunidade para tanto, pode-se concluir que os interesses dos estudantes que se manifestaram prendiam-

se, por ocasião da pesquisa, mais a questões gerais do ensino de enfermagem. Assim, eles pedem mais horas de ensino prático e melhores condições de estágio, melhor preparo do corpo docente, ensino menos repetitivo que os impede de estudar assuntos de maior interesse, maior aprofundamento no conteúdo das matérias, reformulação das disciplinas, menor sobrecarga de horário escolar com mais tempo para pesquisa e leitura, conscientização dos professores quanto à situação sócio-econômica dos alunos. Embora se acrescente que essas opiniões foram emitidas por número pequeno dos alunos amostrados (os outros se omitiram), não deixa de se constituir em indícios de uma possível inadequação do ensino ao tipo de estudante que procura hoje as escolas de enfermagem.

Nos achados de CARVALHO (1972) algumas conclusões podem ser apontadas como indícios dessa possível inadequação do ensino. Citam-se como exemplo alguns dados a seguir. O período destinado à prática de enfermagem no campo clínico foi qualificado (em algumas escolas) de inadequado pelas docentes e de demasiadamente longo e repetitivo pela grande maioria dos estudantes (p. 106). Todavia, também o inverso ocorreu, isto é, o tempo de estágio foi considerado insuficiente pelos professores e suficiente pela maioria dos alunos. A autora citada concluiu que "dada a grande diferença de opiniões pode-se supor que os dois grupos, docentes e estudantes, não tinham como meta os mesmos objetivos educacionais...". Nesse mesmo estudo foi opinião dos alunos de que os critérios de seleção dos campos de estágio necessitavam de revisão. Queixavam-se de falta de oportunidade para praticar determinadas técnicas "por escassez de casos ou por excesso de estudantes em estágio". Outro fato constatado foi o de que a metade do corpo docente não tinha formação pedagógica e passou a exercer o magistério logo após um ou dois anos de exercício profissional. Porém, nas próprias escolas onde 100% das docentes tinham qualificação pedagógica os estudantes, em grande número, assinalaram que "nada de novo" aprenderam em conhecimentos e habilidades, classificando o estágio como "trabalho de rotina", pouco valioso e pobre em experiência (p. 112). Assim, a autora citada refere que "o excesso de repetição, tempo mal aproveitado e experiências pouco valiosas do ponto de vista educacional continuam sendo críticas freqüentes por parte de alguns estudantes". E pergunta: "Não poderia a escala de estágios ser suficientemente flexível para permitir o progresso individual, baseado nas necessidades de aprendizagem do estudante? É possível que o ensino de campo possa ser reformulado de maneira a oferecer aos estudantes a oportunidade de decidirem sobre o quanto de prática cada um necessita, que experiências clínicas devem ser repetidas e quanto de repetição deve haver. (...) deixando a duração dos períodos de prática a critério de cada estudante, que deveria planejá-los de acordo com seus conhecimentos anteriores, suas aptidões, capacidade e necessidades de aprendizagem" (p. 116 e 117).

Preocupada com esses indicadores e numa tentativa de pôr em prática algumas recomendações oriundas do primeiro estudo, a autora vem experimentando métodos alternativos, dando ênfase ao fato, até certo ponto óbvio, de que o importante não é ensinar e sim conduzir o aluno a obter ele próprio um auto-aprendizado mediante a manipulação, análise, discussão e interferência em experiências selecionadas e cada vez mais ricas. Assim sendo, a autora vem utilizando mais intensamente o campo clínico, onde proporciona aos alunos maiores oportunidades de experimentação em complexos mais amplos de responsabilidade e atuação, com seleção cuidadosa de ocorrências mais incomuns ou mais graves. A aula expositiva está cedendo lugar à discussão de situações trazidas da prática, e a teoria ganha seu pleno sentido na análise de dados que serão vivenciados em seguida na enfermaria. O aluno é livre na escolha das experiências, a escala é flexível para permitir o progresso individual de acordo com seus conhecimentos, suas aptidões, capacidade e necessidade de aprendizagem. O professor organiza com os alunos o esquema de experiência e se mantém antes como um incentivador e facilitador da aprendizagem. Na fase inicial os estudantes têm apresentado dificuldades em adaptar-se ao método, limitação essa que é superada à medida que os objetivos propostos pela nova condução vão se tornando claramente explícitos para eles. Percebe-se que a meta a ser atingida nesse procedimento é uma perfeita adequação entre o conhecimento teórico e a prática vivenciada no campo clínico. Normalmente os alunos mostram-se incapazes de dominar o conjunto, mas progressivamente vão se adaptando a tal exigência de integração entre teoria e prática e depoimentos de numerosos estudantes conduzidos por esse processo indicam que ele parece mostrar-se eficiente. As manifestações favoráveis contidas nas avaliações de tais estudantes parecem ir ao encontro das necessidades mais sentidas pelos mesmos quanto à condução do ensino de enfermagem. É importante acrescentar que não se tem a pretensão de já ter encontrado o método perfeito. A autora acha-se ainda num trabalho inicial sofrendo dificuldades, principalmente pelo curto tempo que cada grupo de alunos permanece no processo. Porém, até certo ponto, os resultados são animadores, tendo em vista um maior rendimento de tempo com aprendizado mais efetivo, a par de um aumento de interesse, de participação dinâmica e de motivação dos estudantes.

Depreende-se das considerações anteriores que, embora a maioria dos estudantes se diga satisfeita com a escolha da profissão, numerosos indícios, conquanto não trabalhamos ainda cientificamente, revelam contudo, insatisfações e estas referem-se antes ao nível ou condução do ensino de enfermagem. Na própria experiência da autora, embora inicial e, portanto, sem valor estatístico, podem-se constatar ainda uma vez mais as afirmativas anteriores.

Em face dessas reflexões, volta-se à tese inicial de que um processo de educação na enfermagem deve fundar-se primeiramente na identificação das características do estudante, a fim de que estas sirvam de subsídios que possibilitarão averiguar, em estudos que lhe dêem continuidade, as condições reais de aplicabilidade das práticas didáticas tradicionais, bem como, as novas propostas na área da metodologia do ensino de enfermagem.

O presente trabalho terá alcançado um de seus maiores objetivos se servir de ponto de partida ou estímulo ao trabalho de outros colegas que lhe dêem seqüência com pesquisas em maior profundidade ou que objetivem respostas mais concretas às outras questões relativas ao **como, o que e para que**. Sendo a educação um processo dinâmico não se pretende chegar algum dia a respostas definitivas e perfeitas a todas as questões acima. Mas, iniciado o trabalho em bases mais sistematizadas e uniformes, a tarefa dos educadores nas gerações ou etapas posteriores será mais fácil em termos de atualização em face das mudanças que forem ocorrendo — inclusive quanto às próprias características do “estudante médio” —, que se transforma em função de mudanças sociais mais amplas.

NAKAMAE, D. D. Profile of the brazilian nursing student.

Rev. Esc. Enf. USP, 11 (2): 142 - 181. 1977.

Because the Author believes in the importance of keeping up to date information on demographic data, socio-economical origin, curriculum, present economic situation, request for scholar development, aspiration and information about carer expectation, that characterize nursing students, and may furnish elements to improve programs and methods of clinical practice, this research was performed in 1976 with the sole objective of obtaining these data.

It is a descriptive — type of study and the data were collected through the application of a 39 — item — questionnaire applied to 150 (1973) and 300 (1976) third grade students of Nursing Schools of the State of São Paulo.

Therefore the student profile that was obtained through this research shows emergency of correlated problems, that interfere directly on scholar efficiency. Trying to solve them within our nursing teaching boudaires seems to be more realistic. The way to try solving them requires from nursing educators efforts in order to search for and determine more adequate teaching methods and techniques. This task is of the utmost urgency in one has in mind the need of promoting efforts to increase students profits and a result of it, more efficient professionals in the future.

VI — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, A. **Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico.** São Paulo, 1972 (Tese EEUSP).
- CASTRO, C. L. M. **Caracterização sócio-econômica do estudante universitário.** Rio de Janeiro, 1968. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
- NAKAMAE, D. D. Subsídios para a caracterização do estudante de enfermagem nas escolas do Estado de São Paulo. **Rev. Esc. Enf. USP**, 9 (2): 347-392, 1975.
- PASTORE, J. et al. **O ensino superior em São Paulo: aspectos quantitativos e qualitativos de sua expansão.** São Paulo, 1970. Instituto de Pesquisas Econômicas da USP.
- PASTORE, J. PEROSA, G. G. **O estudante universitário em São Paulo.** São Paulo, 1971. Instituto de Pesquisas Econômicas da USP.
- ROGERS, C. **Liberdade para aprender.** Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais, 1973.

ANEXO 1

Prezado estudante :

Estamos realizando uma pesquisa a respeito do ensino Superior de Enfermagem no Estado de São Paulo. Nosso objetivo é conhecer as características gerais do estudante das nossas escolas e alguns dos problemas com que se defrontam.

Sua colaboração é indispensável. Nesse sentido pedimos para preencher este questionário da maneira mais completa possível.

Será mantido o anonimato, por isso você não precisa assiná-lo.

Procure responder todos os quesitos, usando as seguintes convenções:

- assinale com um "X" a alternativa ou alternativas que correspondem à sua situação;
- em alguns itens a resposta exigirá palavras ou frases breves que deverão ser precisas;
- quando não souber a resposta, escreva "não sei";
- quando um item não se aplicar ao seu caso, escreva "não se aplica".

Para qualquer dúvida dirija-se ao aplicador. Responda sem pressa, pois não há limite de tempo.

Obrigado pela colaboração prestada.

São Paulo, 1976

6. Onde durante o atual ano letivo você está residindo? (marque mais de um, se for seu caso)

- na casa dos pais sozinho com o cônjuge
com parentes em pensionato em pensão
em alojamento universitário em república de estudantes

7. Qual o tempo gasto (em média) no percurso de sua residência à escola?

- Menos de meia hora
Mais de meia até uma hora
Mais de uma até duas horas
Mais de duas até três horas
Mais de três até quatro horas
Mais de quatro até cinco horas
Mais de cinco horas
Reside na Faculdade

8. Você ingressou na Faculdade de Enfermagem no ano seguinte ao término do seu curso médio?

- Sim Não

9. Em caso negativo, quantos anos depois? _____

10. Curso de 2.º ciclo que **concluiu**:

- Científico
Clássico
Normal
Comercial
Industrial
Madureza
Mais de um tipo

QUESTIONARIOS DE ALUNOS

1. Qual é sua idade?

menos de 20 anos

20 a 21 anos

22 a 23 anos

24 a 25 anos

26 a 27 anos

28 a 29 anos

30 a 40 anos

41 anos ou mais

2. Qual é seu sexo? Masculino Feminino

3. Qual é seu estado civil?

Solteiro Casado Viúvo Desquitado

4. Onde nasceram:

	País	Estado (se no Brasil)
Você:
Seu Pai:
Sua Mãe:
Avô Paterno:
Avó Paterna:
Avô Materno:
Avó Materna:

5. Seus pais moram na mesma cidade que você Sim Não

11. Onde você concluiu o 2.º ciclo (ou equivalente)?

Na cidade onde está esta Escola

Em outra cidade deste Estado

Em outro Estado brasileiro

no exterior

12. Você fez cursinho para entrar na Faculdade de Enfermagem?

Sim

Não

13. Quantas vezes você prestou vestibular para o curso de Enfermagem?

Uma vez

Duas Três

Mais de três

14. Você prestou vestibular para outro curso (em outra Faculdade)?

Não

Sim

Qual:

15. Você foi classificado em algum desses vestibulares?

Não

Sim

Qual:

16. Atualmente você está fazendo outro curso superior?

Não

Sim

Qual:

17. Você completou outro curso superior?

Não

Sim

Qual:

18. Qual a razão de você ter optado pelo curso de Enfermagem? (Assinale apenas a razão mais importante).

Menores despesas com taxas e mensalidades

Menores despesas com transporte e manutenção

Tenho maior inclinação por essa profissão

Conduz a uma profissão rendosa

Influência de parentes

Influência de professor(es)

Indicação de teste vocacional

Outra razão

19. Como encara, agora, a profissão para a qual você se formará?

- Era a profissão que desejava e continuo pensando da mesma forma
- Era a profissão que desejava, mas acho que seria melhor seguir outra
- Não era a profissão que desejava e continuo pensando da mesma forma
- Não era a profissão que desejava, mas agora acho que acertei fazendo este curso

20. Ao concluir o curso, em que nível você colocaria suas oportunidades de emprego?

- Ótimas
- Boas
- Regulares
- Ruins
- Péssimas
- Não Sei

21. Para uma pessoa que termina um curso como o que você está fazendo, qual é, atualmente, a remuneração inicial mais provável?

- | CR\$ | | Cr\$ |
|------------------|---|----------|
| 3.000,00 | a | 3.500,00 |
| 3.501,00 | a | 4.000,00 |
| 4.001,00 | a | 4.500,00 |
| 4.501,00 | a | 5.000,00 |
| 5.001,00 | a | 5.500,00 |
| Mais de 5.500,00 | | |

22. Como você acha que vai exercer a profissão no ano seguinte à sua formatura?

- Em Serviço de Saúde Pública
- Em Serviço Hospitalar
- Em escolas de enfermagem
- Não pretendo exercer a profissão
- Outra situação (especificar)

23. Qual a sua contribuição para as despesas da família?

- Contribuo, mas não sou o único responsável
Sou o único responsável
Não contribuo

24. Antes de entrar nesta Faculdade, você tinha emprego remunerado ?

- Sim Não

25. Atualmente você tem emprego remunerado?

- Sim Não

26. Seu trabalho se relaciona com o curso que você faz?

- Sim Não

27. Quantas horas em média você trabalha por semana?

- Menos de 10 horas
de 11 a 17 horas
de 18 a 33 horas
de 34 a 40 horas
Mais de 40 horas
Trabalho esporadicamente

28. Qual a principal razão por que você trabalha?

- Para adquirir experiência profissional
Pela necessidade de remuneração
Pela necessidade de remuneração e experiência profissional
Outro motivo (especificar)

29. Qual o número médio de horas de atividade escolar que você tem por semana?

- Aulas expositivas _____ horas
Seminários _____ horas
Aulas práticas e estágios _____ horas
Estudo em casa, biblioteca _____ horas

30. Grau de instrução dos seus pais (assinale apenas o mais elevado)

	Pai	Mãe
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alfabetizado ou primário incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Primário completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Primeiro ciclo incompleto (ginásio, comercial, industrial, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Primeiro ciclo completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo ciclo incompleto (científico, normal, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segundo ciclo completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Superior incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Superior completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

31. Qual é (ou era, se falecido ou aposentado) a situação de seu pai?

- Trabalho por conta própria, sem empregados
- Trabalho por conta própria, com empregados
- Sócio ou dono de firma comercial, industrial, bancária, etc.
- Empregado de firma comercial, industrial, bancária, etc.
- Funcionário do governo, instituto ou outra organização paraestatal
- Outra (especificar)

32. Sua mãe exerce atividade remunerada?

- Sim Não Aposentada Falecida

33. A renda mensal de seus pais é:

- Menos de Cr\$ 2.000,00
- De Cr\$ 2.000,00 a Cr\$ 2.999,00
- De Cr\$ 3.000,00 a Cr\$ 3.999,00
- De Cr\$ 4.000,00 a Cr\$ 4.999,00
- Mais de Cr\$ 5.000,00

34. Seus pais moram em residência: Própria alugada

